Gestão e Desenvolvimento, 15-16 (2007-2008), 69-86

VELOCIDADE, ACIDENTE E MEMÓRIA

Manuel Menezes[1]

Resumo: *Neste ensaio, tomando por base o discurso viriliano, será nossa intenção desenvolver algumas reflexões sobre o modo como a aceleração e tecnicização da experiência na modernidade tardia tem vindo, por um lado, a introduzir mutações ao nível dos usos que o humano fazia da memória e, por outro, propugnar a proliferação do acidente, proliferação essa que, em última instância, exige o equacionar de um museu dos acidentes com o intuito de evitar o esquecimento dessa negatividade que perpassa a nossa experiência hodierna.*

Palavras-chave: percepção, aceleração, técnica, acidente, memória

Abstract: *Looking beyond the virilian discourse, in this paper it will be our intention to develop some reflections about the way how acceleration and technicization of the experience in the late modernity has been coming, on one side, to introduce mutations at the level of the uses that the human did of the memory and, on the other, generate the proliferation of the accident, proliferation that, ultimately, demands the creation of a museum of accidents with the intention of avoiding the forgetfulness of that negativity that is present in ours actual experience.*

Keywords: perception, acceleration, technique, accident, memory

[1] Doutor em Ciências da Comunicação (especialidade de Comunicação e Cultura) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nos últimos 14 anos, exerceu as funções de docente nas áreas de Serviço Social e Ciências Sociais no ensino superior. Actualmente é professor das áreas de Comunicação e Serviço Social no Instituto Superior Miguel Torga. E-mail: manuel.d.menezes@gmail.com

1) Da Visão Natural à Mecanização da Percepção

As análises deste «cidadão do mundo», do «homem do acontecimento», como o próprio gosta de se definir, obrigam-nos a reflectir sobre aspectos-chave das nossas sociedades contemporâneas. No que à aceleração diz respeito, em sua acepção a mesma, sinalizando a importância crescente da máquina, produz um conjunto de percas[2] não só ao nível da memória humana, mas também relativamente às possibilidades de acção dos indivíduos, pois, «quanto mais cresce a rapidez, mais decresce a liberdade» (*Paul Virilio*, 1977: 130) ou, referindo-se em específico às capacidades de percepção, «muita velocidade é comparável a muita luz. É ofuscante» (*Paul Virilio et al*, 1983: 86)[3]. Esta dimensão de análise, indiciando desde logo a vontade do autor em mostrar como em decorrência da aceleração se assiste a uma mutação da visão do mundo e a uma gradual subjugação da visão humana ao aparato técnico[4], viria a sofrer desenvolvimentos subsequentes em outras obras de *Paul Virilio*. De entre as mesmas, pode-se referir «*A Máquina de Visão*» onde é examinado criticamente o decurso da tecnicização progressiva das funções perceptivas e o, consequente, alastramento da logística da percepção a outros domínios: desde as primeiras próteses visuais (óculos, microscópio, telescópio…), cuja função principal era a de aumentar as capacidades de visão do corpo[5], dando, por consequência,

[2] Ao longo do seu discurso o autor alerta-nos, recorrentemente, para a necessidade de estarmos atentos às percas, porquanto, em sua acepção, nunca nada é obtido sem que, paralelamente, ocorra uma perca qualquer, ou seja, de acordo com a lei do menor esforço, «quando se inventa um objecto técnico, por exemplo, o elevador, perde-se a escada; quando se inauguram as linhas aéreas transatlânticas, perde-se o paquete» (*Paul Virilio*, 1996: 35).

[3] Estas situações, evidenciando os efeitos políticos da velocidade, são por sua vez acompanhadas por uma desorientação tirânica, pois, «com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, uma mescla da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação» (*Paul Virilio*, 1993: 39).

[4] Referindo-se aos pilotos, o autor mostra como nas ciberguerras contemporâneas a acção humana tem vindo a perder cada vez mais importância face à máquina, como os soldados têm vindo gradualmente a transformar-se em meras «peças de engrenagem de um servomecanismo» ou, de modo mais adequado, como as faculdades perceptivas do humano têm vindo a ser transferidas para o maquínico, dando a «observação directa dos fenómenos» lugar à «percepção assistida», à «teleobservação»: «a desintegração da personalidade do guerreiro já se encontra em estado avançado: *Cabeça erguida*, o colimador do pára-brisas transformado em tela digital (óptico-electrónica ou holográfica), *cabeça baixa*, tela do radar, computador de bordo, rádio e monitor de vídeo que permitem ao piloto rastrear o terreno, quatro ou cinco alvos simultaneamente e os seus próprios mísseis autodireccionados Sidewinder equipados com câmaras ou sistemas de direccionamento infravermelho» (*Paul Virilio*, 1984: 192, sublinhado no original).

[5] De um modo genérico, pode-se referir que as próteses eram «um complemento das fraquezas dos corpos ou um suplemento de força» (*Bragança de Miranda*, 2002: 172). Interessa

visibilidade ao que anteriormente se encontrava fora do nosso campo de visão[6], até aos mísseis de cruzeiro[7] usados pela primeira vez na Guerra do Golfo em 1991[8], tem vindo a ocorrer não só uma descorporificação, desmaterialização contínua do observador, mas também um atrofiamento da imaginação e consequente destruição da consolidação da memória natural.

Sinalizando a crise da percepção natural (a desqualificação do órgão, do olho nu), este processo revela a sua real problematicidade, quando constamos que nos encontramos face a algo nunca antes visto, ante um dispositivo que consegue ver por si mesmo, um «objecto inanimado» cujo funcionamento não exige mais a presença do humano[9], mas tão-somente microprocessadores e computadores, em

---

acrescentar que a situação complexifica-se significativamente quando as mesmas se transmutam do exterior para o interior dos corpos.

[6] De notar aqui, a ruptura profunda ocorrida na cultura ocidental ao nível da interpretação do mundo a partir do momento em que a mesma, não mais se sustentando no «livro sagrado», passa a socorrer-se de uma observação mediada pela técnica que torna visível o, até aí, invisível e, por isso mesmo, somente imaginável, pois, como nos recorda *Hans Blumenberg*, «que o mundo pudesse conter coisas escondidas e inacessíveis à capacidade óptica natural do homem, não somente a espaços e provisoriamente, mas definitivamente, era uma ideia desconhecida para o mundo antigo e para a Idade Média e impossível segundo as suposições filosóficas existentes na altura» (1976: 364-5).

[7] Podendo ser considerados «câmaras voadoras» de difícil intercepção, estes mísseis são orientados aquando do lançamento por GPS e, na fase de cruzeiro, são conduzidos por um sofisticado sistema de navegação inercial TERCOM (Terrain Contour Matching), que se socorre de um radar-altímetro para medir a distância do solo ao míssil de modo a proceder ao reajuste da rota inicialmente traçada; ao penetrar a área do alvo a máquina de visão é activada, o DSMAC (Digital Scene Matching Area Correlation) compara *a imagem que vê* no solo com a cópia digital inserida no sistema, de forma a atingir o ponto de impacto desejado.

[8] Considerada pelo autor a primeira «guerra pós-moderna»: uma verdadeira guerra de imagens ou, se preferirmos, uma cyberguerra; uma guerra localizada, mas, simultaneamente, global tendo em conta as profundas mutações engendradas pelas tecnologias no respeitante aos aspectos temporal e espacial tradicionalmente característicos da arte de guerrear. Daí a sua asserção no sentido de que «o local da guerra não é mais a "geosfera", a geografia militar, o reino da geoestratégia, mas a "infoesfera", o cyberespaço» (*Paul Virilio*, 2001: 39).

[9] As mutações são profundas, pois, «contrariamente à imagem material da pintura, onde havia um homem por detrás do quadro, e à imagem (ainda subjectiva e mental) do cinema, onde estava um homem por detrás da máquina, agora somente há uma máquina por detrás da máquina» (*Scott Lash*, 1999: 300). No mesmo sentido pode ser interpretada a análise de *Bragança de Miranda*, ao referir que «se a fotografia é essencial é por ter separado, pela primeira vez, a imagem do corpo, diferentemente do que sucedia com o espelho. Mesmo a pintura dependia ainda do "gosto" do pintor. Agora essa separação é automática. Toda a imagem não técnica dependia da presença, da origem. A sua permanência era sinal de morte, como o mostra o mito de Narciso. A eternidade da imagem lesava a vida» (2002: 169). Será no âmbito destas reflexões que deverão ser apreendidas as referências de *Paul Virilio* à «estética do desaparecimento», quer dizer, se num momento anterior à fotografia a persistência das imagens se encontrava dependente de um meio de suporte (o mármore na escultura, a tela na pintura…; a arte, inicialmente, inscrevia-se em corpos, em materiais), com a invenção daquela

suma, ante um aparato tecnológico produtor de uma «visão sintética» ou, se preferirmos, de uma «visão sem olhar» (*Paul Virilio*,1993: 62; 2001: 41). Dito de outro modo, as primeiras manifestações desta crise começam a ganhar contornos a partir do momento em que se inicia a elisão da «fé na percepção», i.e., quando em decorrência de um questionamento da proficiência da visão natural, o «olho humano começa a deixar de ser reconhecido como sendo capaz de explicitar sinais de reconhecimento» (*Scott Lash*, 1999: 299).

Destarte, assinalando a dissociação do par ver/acreditar, a diminuição da crença nas funções do olho humano, da confiança na percepção visual directa, no olho nu, iria conduzir à passagem da óptica à electro-óptica[10], à delegação progressiva da visão humana nas máquinas[11], em «retinas artificiais», enfim, em máquinas controladas por computador «destinadas a ver, a prever em nosso lugar; máquinas de percepção sintética capazes de nos suplantar em determinados domínios, em determinadas operações ultra-rápidas para as quais as nossas capacidades visuais são insuficientes» (*Paul Virilio*, 1988: 79-80; 1995: 32). Em suma, o maquínico ao emergir como mediador entre o humano e o que o rodeia conduz à gradual suplantação da imagem mnésica pela imagem electrónica.

Do até agora exposto, facilmente se deduz que, para o discurso viriliano, em resultado da industrialização perniciosa e, consequente, «automação da percepção», tanto a subjectividade como a memória viriam a sair lesadas[12] – o

«seguida do cinema e do vídeo, nós entramos no reino da estética do desaparecimento: agora, a persistência é somente retinal. A despeito do filme utilizado na fotografia e no cinema, não existe mais qualquer suporte real» (2001: 70, 125; 1996: 23-24).

[10] A consubstanciação desta dá-se a partir do momento em que «somos capazes de ver em tempo real, por via da velocidade das ondas, o que está a acontecer a 1000 km de distância» (*Paul Virilio*, 2001: 87).

[11] De acordo com a interpretação que *John Johnston* faz do seu discurso, «a "verdade" do que vimos não é mais fornecida pelos nossos olhos, mas pelos nossos instrumentos e pela interpretação científica do que os mesmos mostram ou a sua apropriação militar» (1999: 30). A subjectividade da percepção humana é substituída por um ponto de vista do mundo *supostamente* objectivo e científico.

[12] Em paralelo com esta situação, assiste-se igualmente a uma obliteração do espaço sob os auspícios da aceleração, a uma menorização da importância da dimensão topográfica, visível por via da predominância do «não-lugar da velocidade» face ao «lugar» que, em última análise, acaba por colocar em causa as noções tradicionais de distância e proximidade: «[…] a nova máquina de guerra conjuga um duplo desaparecimento: *o desaparecimento da matéria na desintegração nuclear e o desaparecimento dos lugares no extermínio veicular*. É preciso observar, porém, que a desintegração da matéria é constantemente retardada no equilíbrio dissuasivo da coexistência pacífica, ainda que não aconteça o mesmo com o extermínio das distâncias. Em menos de meio século, os espaços geográficos estreitaram-se continuamente ao sabor dos avanços da velocidade […]. Temos de admitir que *a localização geográfica parece ter perdido definitivamente o seu valor estratégico* e, ao contrário, este mesmo valor é atribuído *à não localização do vector*, de um vector em movimento permanente, pouco

produto final do processo seria uma «visão cega» concretizada, de modo paradoxal, por um objecto que percepciona um sujeito. A imagem de uma subjectividade humana crescentemente limitada e estropiada pelo impacto das tecnologias[13], aproxima *Paul Virilio* de outros críticos culturais contemporâneos para os quais o presente determinado tecnologicamente está a destruir as capacidades sensoriais do humano (*Nicholas Stevenson*, 2002: 209), a perturbar a percepção do que é a realidade (a realidade e a imagem que possuímos dela dissociam-se) e, por consequência, a colocar em causa a própria «liberdade de percepção»: «amanhã, se não nos precavermos, seremos as vítimas inconscientes de uma espécie de conjuração do visível, um visível adulterado pelo excesso de aceleração das representações habituais» (*Paul Virilio*, 1995: 126). Por sua vez, no caso da memória, como já sinalizámos, de acordo com a argumentação do autor, o uso crescente de dispositivos técnicos, no mesmo processo em que promove a «memória digital» por contraposição à «memória natural», acabará por condicionar o acesso a experiências reais, ou seja, os mesmos ao alterarem e distorcerem as concepções da realidade até aí predominantes, irão destruir a «memória visual» essencial à percepção e ao acto de recordar: «com a proliferação industrial das próteses visuais e audiovisuais e o uso desenfreado, desde a mais tenra idade, de equipamentos de transmissão instantânea, assiste-se de modo rotineiro à codificação de imagens mentais cada vez mais elaboradas em paralelo com um firme declínio das capacidades de retenção e lembrança; observa-se um rápido colapso da consolidação mnésica (*Paul Virilio*, 1988: 16-17).

2) – Aceleração da Velocidade e Acidentes Tecnológicos

> *«A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sobre seu carácter, conduta e destino. Para lê-la, basta um sociólogo treinado; não é preciso um astrólogo imaginativo»*
>
> (*Zygmunt Bauman*, 2000).

importa seja ele aéreo, espacial, submarino ou subterrâneo, contam apenas a velocidade do móvel e a não detectabilidade do seu percurso» (*Paul Virilio*, 1977: 124, sublinhado no original).

[13] De acordo com a interpretação de *Douglas Kellner*, a crítica do autor às novas tecnologias reside, em parte, no facto de as mesmas estarem a produzir (i) novos domínios da experiência, i.e., ciberespaço, realidade virtual…, e (ii) novas formas de percepção e representação, quer dizer, geometria fractal, teoria do caos, representações de realidades internas e externas geradas por computador… (2000: 116).

«L'accumulation met fin à
l'impression de hasard»
(Sigmund Freud).

No âmbito das exegeses desenvolvidas, o discurso de *Paul Virilio* revela-se, igualmente, importante, ao advertir não só, mas também para algo «que sempre o fascinou», i.e., os acidentes associados à introdução de novas tecnologias. Antes de avançarmos, convém referir que o autor apreende o acidente de um modo muito específico, não englobando no mesmo, por norma, os desastres, as catástrofes naturais, quer dizer, a sua atenção direcciona-se em especial para um tipo de acidentes particularmente negativos – as «catástrofes artificiais». Interessam-lhe, não tanto os sismos ou as inundações, mas, principalmente, no âmbito de uma «arqueo-tecnologia», «as dimensões tecnológicas do acidente – o comboio descarrilado, o crash, Chernobyl, o *Titanic* e assim por diante. O século XX interessa-me acima de tudo enquanto século dos acidentes. […] É-nos impossível compreender verdadeiramente o século XX, a menos que compreendamos as dimensões das suas revelações acidentais» (*Paul Virilio*, 2001: 154)[14].

Acidentes que, por um lado, na maioria das ocasiões, têm vindo a ter lugar não obstante as baixíssimas probabilidades associadas aos mesmos e, por outro, deram corpo a uma realidade de tal modo terrífica, ao ponto de se poder afirmar «[…] que o apocalíptico se dissolveu na experiência, que lhe é imanente, como aliás sempre foi» (*Bragança de Miranda*, 1998: 162). Destarte, tendo presente que *Paul Virilio* enceta uma dromografia da nossa contemporaneidade[15] e do modo como, no transcurso desse processo de aceleração[16], a tecnologia foi

[14] Deve-se referir que, no pós 11 de Setembro, *Paul Virilio* acrescenta um terceiro tipo de acidente ao seu vocabulário, designadamente o «acidente voluntário» para se referir aos ataques terroristas perpetrados contra o *World Trade Centre*: «com efeito, não utilizar mais armas, instrumentos militares, mas simples veículos de transporte aéreo, para destruir edifícios […] implica o instaurar de *uma confusão fatal entre o atentado e o acidente* e socorrer-se da "propriedade" do acidente voluntário em detrimento da propriedade do avião» (*Paul Virilio*, 2005: 21).

[15] O que conduz alguns autores à asserção de que nos encontramos face a uma nova perspectiva de apreensão da modernidade, i.e., a «modernidade acelerada».

[16] Esse processo foi facilitado em grande medida, num primeiro momento pelas tecnologias associadas aos transportes e, posteriormente, à informação/comunicação que, no seu conjunto, produziram um «efeito de encolhimento» global e, consequente, elisão progressiva do «espaço real», porquanto, «com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, mistura da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação» (*Paul Virilio*, 1993: 39). Será interessante notar a referência ao fenómenos do encolhimento e da, concomitante, velocidade por parte de *Hannah Arendt* já em finais dos anos 50, podendo daí deduzir-se uma possível influência sobre o pensamento de *Paul Virilio*: «precisamente no instante em que se descobriu a imensidão do espaço terrestre, começou o famoso "*encolhimento*" do globo, até que, no

progressivamente tornando-se ubíqua (uma ubiquidade que, logicamente não só influenciou, como também transmutou todo o agir do humano), interessa-nos seguidamente sinalizar, de um modo sinóptico, como ao longo das suas cogitações nos vão sendo legados alguns traços, indícios, sugestões que dão conta da *Unsicherheit* contemporânea[17].

Tendo presente não só, mas também as críticas por si dirigidas à invasão biotecnológica do corpo, pensamos ser correcto sinalizar igualmente as influências exercidas pelo humanismo/cristianismo[18] em todo o seu trabalho. Essas influências manifestam-se, desde logo, por via de uma preocupação constante com a preservação tanto da natureza, como do corpo corpo ou, se preferirmos, do «*corpo animal* do homem» que, em última instância, se encontra ameaçado em crescendo pelas externalidades altamente negativas associadas às tecnologias, nomeadamente no que diz respeito às potencialidades, capacidades do humano em agir sobre o mundo[19], colocadas cada vez mais em causa por via da aceleração tecnológica[20]. Esta, ao engendrar, entre outras, como tivemos

nosso mundo […], cada homem é tanto habitante da Terra como habitante do seu país. Os homens vivem agora num todo global e contínuo, no qual a noção de distância, inerente até à mais perfeita contiguidade de dois pontos, cedeu perante a furiosa arremetida da *velocidade*. A velocidade conquistou o espaço; e, ainda que este processo de conquista encontre o seu limite na barreira inexpugnável da presença simultânea do mesmo corpo em dois lugares diferentes, eliminou a importância da *distância*, pois nenhuma parcela significativa da vida humana – anos, meses ou mesmo semanas – é agora necessária para que se atinja qualquer ponto da terra» (1958: 313, sublinhado nosso). Se concordarmos com *Zygmunt Bauman*, este cenário complexifica significativamente as nossas potencialidades da acção, dado «o poder e a política [passarem a ocupar] espaços diferentes. O espaço físico, geográfico continua sendo a casa da política, enquanto o capital e a informação habitam o ciberespaço, no qual o espaço físico é abolido ou neutralizado» (1999: 125).

[17] Em nossa acepção o vocábulo alemão é mais adequado para dar conta da incerteza que perpassa a experiência actual, na medida em «que funde experiências para as quais outras línguas podem exigir mais palavras – incerteza, insegurança e falta de garantias»: (i) *incertezas* no respeitante à continuidade e estabilidade futura do indivíduo, (ii) *inseguranças* conexas com o corpo, o eu e as extensões do mesmo (posses, vizinhança, comunidade); (iii) *falta de garantias* quanto à posição, títulos e sobrevivência (*Zygmunt Bauman*, 1999: 13; 2000: 184).

[18] Para referências várias relativas à importância destas influências – pessoalmente reconhecidas – no seu pensamento, cf. *Paul Virilio* (2001); para uma explanação sinóptica da sua biografia, vide *John Armitage* (2001).

[19] De acordo com a perspectiva crítica de *Douglas Kellner* (2000), as exegeses virilioanas ao colocarem, essencialmente, a ênfase nos aspectos negativos da tecnologia, não conseguem dar conta de como as novas as tecnologias encerram em si potencialidades a serem aproveitadas para promoção da democracia, o empowerment do humano e a construção de um mundo melhor.

[20] As ameaças à capacidade de acção são inerentes ao modo como o próprio processo se desenrola, porquanto, por um lado, «quanto mais cresce a rapidez[/velocidade], mais decresce a liberdade. A automobilidade do aparelho gera, finalmente, a auto-suficiência da automação» (*Paul Virilio*, 1977: 130). Por outro, consequência do primeiro, estamos a assistir a uma

oportunidade de mostrar, uma «crise de percepção», tem vindo, em última análise, a destruir as visões do mundo sustentadas na observação directa até agora predominantes. Encontramo-nos, em suma, face a um processo que tem vindo a ser facilitado por intermédio do que o autor denomina de «tecnologias *extra-veiculares* da interactividade instantânea» que, tal como as «tecnologias veiculares» já o tinham feito em relação à Terra, estão a afastar-nos progressivamente de nós próprios, i.e., «exilam-nos de nós próprios e fazem-nos perder a derradeira referência psicológica: a dessa massa ponderal do corpo locomotor, eixo ou, mais precisamente, sede da mobilidade comportamental e da identidade» (*Paul Virilio*, 1990: 125).

Dito isto, e tendo presente o vasto leque de preocupações mediadoras do seu discurso, constata-se, então que, para além dos produtos, resultados decorrentes da aceleração tecnológica já, de per si, apreendidos de modo bastante crítico, uma outra questão bem mais complexa transcorre transversalmente todo o seu discurso, nomeadamente a conexa com a ligação estrita e, para *Paul Virilio*, por demais evidente, entre a inovação tecnológica e o acidental[21]. Sabendo da impossibilidade de a substância existir na ausência do acidente, constata-se, então, a existência de uma simultaneidade entre a aceleração e a velocidade, por um lado, e a emergência do acidente, por outro[22]. Um acontecimento colateral indesejado, imprevisto e, por isso mesmo, surpreendente, estranho (em tempos remotos, sobrenatural), mas, paradoxalmente, necessário ao progresso tecnológico, pois, sem o acidente, sem a interrupção, sem a «surpresa técnica», não seria possível esse mesmo progresso: o acidente é «positivo», porque revela

substituição gradativa da acção pela tele-acção, ou seja, a «acção» instantânea à distância nos «espaços diminutos dos circuitos electrónicos» (*Paul Virilio*, 1995-b; 2001), tendência essa que, em sua acepção, tem vindo a produzir uma convergência cada vez mais acentuada «entre a mobilidade reduzida do inválido equipado e a inércia crescente do indivíduo válido sobreequipado» (*Paul Virilio*, 1995: 45; 1996: 71); para uma análise sobre o modo como o desenvolvimento tecnológico tem vindo, em paralelo, a provocar uma desaceleração ou, de modo mais radical, a «inércia polar» do humano em vários domínios, cf. *Paul Virilio* (1990; 1995). De acordo com *Mark Featherstone*, seguindo de perto a noção de *William Burroughs* relativa à «deidade sedentária incapaz de ir a qualquer lugar precisamente por ser capaz de viajar para todo o lado, ou da teoria hegeliana sobre o mestre, cuja incapacidade para o trabalho significa que ele tem de procurar a satisfação por via do corpo do outro, também o humano hiperactivo de Virilio morre devido aos seus prazeres tecnológicos» (2003: 444).

[21] De notar que a insistência na ideia da impossibilidade de criar o bem sem que, a par, surja o mal, também se encontra presente no discurso de *Hannah Arendt*, argumentando a autora que «progresso» e «ruína» se encontram inextrincavelmente ligados, constituindo, por isso, as duas faces da mesma moeda. Assim, já em 1951, no prefácio ínsito na obra «*As Origens do Totalitarismo*», escrevia a autora: «este livro foi escrito com mescla de optimismo temerário e do temerário desespero. Afirma que o progresso e a ruína são as duas faces da mesma medalha; que ambos resultam da superstição, não da fé».

[22] Em sua acepção, a velocidade é a principal «responsável pelo crescimento exponencial dos *acidentes artificiais* do século XX» (*Paul Virilio*, 2005: 28, sublinhado no original).

algo importante que de outro modo não seria possível percepcionar – é um «milagre profano»[23]. Explicitando, não obstante os recorrentes intentos modernos de domesticação, encontramo-nos face a uma tarefa vã, pois, a técnica (dado conter em potência a sua própria negatividade) reproduz o acidente de um modo contínuo e, com isso, a violência associado ao mesmo – «os acidentes são a revelação do pecado original da ciência e da tecnologia» (*Paul Virilio*, 2001: 154).

Contrariando as visões idealistas da tecnologia, para o autor o questionamento sobre as novas substâncias produzidas, sobre o objecto técnico é, de per si, insuficiente, sendo, por isso, necessário deslocar igualmente a reflexão para a negatividade que o acompanha, pois, cada sistema tecnológico promove a consubstanciação – ainda que futura – do seu acidente específico; cada inovação pressupõe o seu reverso, «veicula a sua própria negatividade»[24], porquanto, «a menos que na invenção do navio[25] se esqueça voluntariamente a *do naufrágio* ou que no aparecimento do comboio se esqueça o *acidente ferroviário*, é necessário interrogar a face oculta das novas tecnologias antes que esta última se imponha, apesar de nós, à evidência» (*Paul Virilio*, 1995: 66-67, sublinhado no original; 1995-b; 1996; 1998; 2001; 2005; *Paul Virilio et all*, 1983)[26].

[23] Pensamos ser correcta a conclusão que remete para a existência de duas leituras do acidente nas exegeses de *Paul Virilio*. Por um lado, de modo negativo, o acidente desponta como um catalisador dos medos associados a uma visão parametrada pela acumulação contínua de acidentes *pari passu* com o desenvolvimento tecnológico (interpretação predominante no seu discurso) e, por outro, de modo mais positivo e menos desenvolvido pelo autor, o acidente consubstancia-se, igualmente, como elemento essencial ao refinamento e desenvolvimento tecnológico. Tal como o naufrágio do *Titanic* em 1912 contribuiu para o desenvolvimento do SOS, como exemplo mais recente do enunciado pela leitura positiva, podemos referir o modo como o «acidente 11 de Setembro» está ainda a influenciar (positiva ou negativamente consoante as perspectivas) o desenvolvimento da performance da dimensão securitária das tecnologias. Os Crash-Test realizados pela indústria automóvel com o intuito de melhorar a segurança dos veículos, consubstanciam-se como um outro exemplo onde os acidentes desempenham uma função positiva. Podendo-se, portanto, referir que, neste caso concreto os acidentes, sendo uma das componentes do sistema produtivo, servem para melhorar a substância. Por sua vez, ao nível do corpo, o acidente doença assoma como um exemplo claro de como a tecnologia tem vindo a progredir em decorrência dos contínuos intentos de debelar o mesmo, progressos esses que, no entanto, sinalizam igualmente enormes perigos.

[24] Devendo acrescentar-se igualmente que, quanto mais eficiente e poderosa for a invenção, mais dramático será o acidente.

[25] Este, podendo ser encarado como uma «simples resposta técnica à falta de terra», consubstancia-se como uma extensão desta no mar, quer dizer, o barco ao manter uma certa ancoragem à terra, evidencia os subterfúgios técnicos de que o humano se socorreu visando afrontar e/ou mesmo anular o perigo (*Bragança de Miranda*, 2006). Intentos esses que, no entanto, como sabemos, ocorrem sempre em falha.

[26] Em reforço desta ideia de *Paul Virilio*, gostaríamos de acrescentar, sem mais comentários, algumas notas de imprensa do dia 22 de Setembro de 2006, o dia seguinte ao acidente ocorrido

Neste sentido, sendo trabalhado como atributo ou qualidade das tecnologias, o acidente é apreendido como a face oculta, a negatividade escondida das tecnologias (encontra-se sob a substância), face essa, muitas vezes esquecida (dada a focalização se deslocar primordialmente para a invenção/inovação tecnológica, deslocação essa, facilitada em grande medida pela propaganda do progresso)[27] ou, de modo mais grave, censurada, negada[28], e que, por isso mesmo, é preciso tomar em consideração se não desejarmos ser dominados por ela. Quer dizer, de acordo com a sua leitura, enquanto «na filosofia clássica de Aristóteles, a substância [aquilo que é] era necessária e o acidente [o que acontece] relativo e contingente. Na actualidade ocorreu uma inversão: o acidente está a tornar-se necessário e a substância [natural ou produzida], relativa e contingente» (*Paul Virilio et al*, 1983: 38; *Paul Virilio*, 1995: 104; 2005: 113-116).

Por outras palavras, não mais o privilégio da substância sobre o acidente (negando a filosofia aristotélica a existência de uma ciência do acidente), mas, precisamente, o seu contrário. Face ao referido, facilmente nos damos conta que nos encontramos perante uma perspectiva onde o acidente é apreendido de modo peculiar, quer dizer, distanciando-se de uma leitura mais usual, para *Paul Virilio* o acidente, plasmando as limitações tecnológicas, não deve ser apreendido como um evento contingente, mas, antes, como algo que fatalmente irá ocorrer, pois, ao se encontrar em potência nas tecnologias, a indeterminação mediadora do mesmo reside, não tanto em saber se o acidente irá ocorrer ou não, mas, principalmente, quando e como o mesmo ocorrerá[29]. Dito de outro modo, o acidente, deixando de ser percepcionado como a excepção, ganha no discurso de *Paul Virilio* o estatuto de elemento essencial, indispensável para a captação, o

---

na Alemanha com o comboio magnético Transrapid: «um porta-voz da firma que gere o funcionamento do Transrapid *excluiu já* a hipótese de ter havido um *erro técnico*, mesmo antes do inquérito oficial, considerando que deve ter ocorrido um *erro humano*»; «comboio magnético, que pode ser dirigido por um maquinista, mas também comandado por operadores a partir de um centro de comando, como foi hoje o caso, ou ainda ser totalmente dirigido por computador, *era considerado* um dos meios de transporte *mais seguros do mundo* pela unanimidade dos especialistas, *até ao acidente* de Lathen».

[27] Segundo o seu próprio discurso: «[…] as pessoas tendem a direccionar o seu olhar para o veículo, para a própria invenção, mas não para o acidente, que é a sua consequência» (*Paul Virilio*, 2001: 32).

[28] Esta asserção remete de um modo clarividente para a problemática do reconhecimento/avaliação dos riscos e, por inerência, para as mediações complexas que as perpassam, pois, «os perigos minimizam-se por intermédio de cálculos que os transmutam em meros riscos; eliminam-se por via de comparações e normalizam-se jurídica e cientificamente como "riscos residuais" e improváveis, de modo que se estigmatizam os protestos como laivos de "irracionalidade. Quem aumenta os valores-limite, converte, mediante um acto burocrático, o negro em branco e o perigo em algo de normal» (*Ulrich Beck*, 1988: 115).

[29] Para uma análise similar à nossa, vide *Mark Featherstone* (2003).

diagnóstico dos perigos que, desde sempre, transcorreram as tecnologias e, nesse sentido, faz, igualmente, parte da história contemporânea, pois, como nos alerta *Bragança de Miranda*, «a subitaneidade da aparição do desastre, da catástrofe, revela que toda a "normalidade" é mera ilusão» (2006: 24).

Seguindo este raciocínio, *Paul Virilio* introduz, então, um novo conceito, por intermédio do qual busca dar conta das mutações que têm vindo a ocorrer na esfera do acidental, mutações essas, de tal modo profundas, que o autor procura explanar por via do que denomina de «*acidente integral*», «*acidente geral*» ou «*acidente total*». Um acidente, em sua perspectiva, sem precedentes, com características radicalmente distintas dos até agora experienciados[30], desde logo, porque, a velocidade propulsora dos mesmos também se transformou (o aumento da velocidade acelera as catástrofes – *a priori* as consequências do descarrilamento serão muito mais trágicas do que as associadas à queda de um cavalo), isto é, a força motriz dos mesmos deixou de ser a «velocidade relativa» dos transportes ou da guerra (*Blitzkrieg*), por exemplo, para passar a ser a «velocidade absoluta» das ondas electromagnéticas» (informática, televisão, ciberespaço…), onde o que passa a prevalecer não é mais a hora e o minuto, mas o picossegundo e o nanossegundo (*Paul Virilio*, 2001: 32, 90, 114; 2003: 261). Um acidente mais perigoso, porque imaterial e, em consequência, invisível.

Logo, tendo presente que a performance das tecnologias, tanto em termos de velocidade, como ao nível do potencial destrutivo, tem vindo progressiva e continuamente a melhorar (residindo nesse aspecto parte significativa – senão principal – das ameaças que lhe são inerentes), o que se constata, em decorrência da «revolução da informação» actualmente em curso, é uma transmutação não só, mas também de escala. Esta, crescendo exponencialmente, acaba por propugnar a passagem do acidente *in situ*/local para o global[31] e a, consequente, deslocação do acidente do «espaço da matéria para o tempo da luz» (*Paul Virilio*, 1995: 40; 2005: 28, 86). Explicitando, as telecomunicações ao permitirem que tudo chegue sem que seja necessário deslocarmo-nos, sem que seja forçoso partir, viajar, para além de promoverem a inércia (ou, mais precisamente, inércia polar) como já referimos, acabam por transformar a catástrofe em algo de súbito.

Este fenómeno, potenciando algo de muito mais assustador do que qualquer coisa até agora experienciada, é descrito por *Paul Virilio* por intermédio do conceito de «bomba informática». Uma «bomba» que, não obstante se distinguir da atómica, possui características similares a esta, porquanto, tal como a «*radioactividade* pôde circular impunemente de este para oeste, contaminando à

[30] Por essa mesma razão, levantam questões de uma natureza distinta, bastante complexas, questões que, em última análise, ainda nunca tinham sido colocadas.

[31] Essa passagem ocorre em paralelo com a transição do tempo local para o tempo mundial/universal, transição essa que, em última instância, evidencia o predomínio do virtual sobre o real.

passagem continentes inteiros, [também] o sistema de transmissão electromagnética da *interactividade* das futuras auto-estradas de dados, procede de um mesmo fenómeno de amplitude global»; se os efeitos da radioactividade se propagavam sobre a atmosfera, os da interactividade disseminar-se-ão sobre o «espaço real» (*Paul Virilio*, 1995: 102; 1996: 86; 1998: 21; 1998-b; 1998-c). Conseguintemente, a par de uma poluição atmosférica/hidrosférica, uma poluição das *substâncias*, *Paul Virilio* perspectiva, por via do «efeito de encolhimento», uma poluição da extensão geográfica[32] que, ao atrofiar o trajecto, liquidar a viagem[33], acaba, em última instância, por atingir não só a vivacidade do sujeito, mas também a mobilidade do objecto, ou seja, uma poluição «dromosférica das distâncias de tempo, que reduz a nada, ou quase, a extensão de um apertado planeta suspenso no vazio sideral» (1995: 67; 2005: 71, 84).

Ainda dentro desta perspectiva de análise, manifesta, igualmente, preocupações relativamente ao que considera ser uma das crises que perpassa a experiência actual, quer dizer, a degradação da proximidade física, o esboroamento, desintegração das relações de proximidade, da existência material levada a cabo pelo predomínio cada vez mais acentuado da «tele-presença» ou «presença à distância». No concernente a estas questões refere, então, que uma das dimensões do acidente geral pode ser vislumbrada a este nível, porque, «o facto de estar mais próximo daquele que está longe que daquele que se encontra ao seu lado é um fenómeno de dissolução política da espécie humana» (*Paul Virilio*, 1996: 50) ou, num outro texto, ao se referir à relação do indivíduo consigo mesmo, «[…] as tecnologias *extra-veiculares* da interactividade instantânea exilam-nos de nós próprios e fazem-nos perder a derradeira referência psicológica: a dessa massa ponderal do corpo locomotor, eixo, ou, mais precisamente, sede da motilidade e da identidade» (*Paul Virilio*, 1990: 125, sublinhado no original). No fundo, algo de verdadeiramente complexo está aí quando nos sentimos mais próximo da pessoa do ecrã, do que daquele que se

[32] Mais do que ao «fim da história», ao estilo de *Francis Fukuyama*, estar-se-á a assistir ao «fim da geografia».

[33] Com a poluição das distâncias (redução, miniaturização), o trajecto e a viagem, transmutando-se em algo de inútil, dão azo à emergência do «espaço crítico» em resultado da «aceleração dos meios de comunicação que apagam o Atlântico (o Concorde), reduzem a França a um quadrado de uma hora e trinta de lado (o Airbus), ou ainda, por causa do TGV que ganha tempo ao tempo» (*Paul Virilio*, 1995: 31). Será no âmbito destas reflexões que o autor irá cunhar um outro conceito, designadamente o de «ecologia cinzenta». Com o mesmo, pretende chamar à atenção para a necessidade de, a par com as preocupações conexas com a poluição da natureza, ser necessário preocuparmo-nos com a poluição em curso da «natureza-grandeza» – «ao lado da poluição visível, bem material, bem concreta [que remete para a ecologia verde], há uma ecologia das distâncias [cinzenta, porquanto nela predomina a ausência de cor]. A poluição é também a poluição da grandeza natural pela velocidade. [..] A velocidade polui a extensão do mundo e as distâncias do mundo. Esta ecologia não é apreendida, porque ela não é visível mas mental» (*Paul Virilio*, 1996: 63).

encontra ao nosso lado. Daí a necessidade de impulsionar uma política da cidade direccionada para a promoção de laços das pessoas consigo mesmas, com os vizinhos e com o ambiente que os rodeia, i.e., face ao desvanecimento do corpo e mundo próprios por contraposição corpo espectral e mundo virtual, perante o descrédito do próximo em benefício do distante, à presença predominante do ausente, «a questão que se coloca, é de encontrar o contacto» (*Paul Virilio*, 1996: 53), pois, só deste modo será possível intentar que a máxima «amai o próximo como a ti mesmo» não se transmute, num futuro não muito distante, no seu inverso – «amai o longínquo como a ti mesmo».

Consequentemente, com a interactividade, as redes e a globalização, a natureza do acidente transmuta-se. Não mais, portanto, os acidentes característicos da era industrial, os acidentes localizados no espaço e no tempo (num lugar e dia específicos), no «espaço real» (o descarrilamento, o naufrágio, o despenhamento, a colisão, a electrocussão ou a explosão) e/ou conexos com uma tecnologia específica, quantificáveis e estatisticamente previsíveis, mas, em potência, a possibilidade de ocorrência – simultânea em todo e qualquer lugar – da catástrofe geral que produzirá, na sua esteira, outras catástrofes em cadeia (*Paul Virilio*, 1995; 1995-b; 1996; 1998: 21; 2001: 32; 2005). Quer dizer, o «acidente dos acidentes» segundo as palavras de *Epicuro*, «um *acidente integral* à escala planetária, um acidente capaz de incorporar a totalidade dos incidentes e desastres numa reacção em cadeia» (*Paul Virilio*, 2003: 257), em suma, um acidente com dimensões escatológicas.

Face a um processo em movimento, a um fenómeno em vias de se tornar real *ex abrupto*, como exemplos deste novo tipo de acidente[34], num primeiro momento, a referência principal aventada pelo autor, não obstante a considerar insuficiente, é a do crash mundial do mercado de valores ocorrido em 1987 e o bug do milénio (*Paul Virilio*, 1998, 2001). Posteriormente, viria a acrescentar outras referências, nomeadamente o ataque ao *World Trade Center* (considerado por ele, a seguir a Auschwitz e Hiroshima, como terceiro crime contra a humanidade), e, mais recentemente, tem vindo a levantar a hipótese de o «grande acidente» poder ocorrer no dia em que a realidade virtual suplantar, substituir[35] a

[34] Esses exemplos são, no entanto, considerados por *Paul Virilio* como prefigurações de pouca importância ante o que realmente poderá vir a acontecer.

[35] Neste aspecto, o autor distancia-se de *Jean Baudrillard*, em específico do seu conceito de «simulação», preferindo socorrer-se do vocábulo «substituição»: «eu discordo do meu amigo Baudrillard no respeitante à questão da simulação. […] Isto é um copo real, não é simulação. Quando seguro um copo virtual com uma data glove, isso não é simulação, mas substituição. É aqui que reside a grande diferença entre mim e Braudillard. Eu não acredito em simulação» (*Paul Virilio et all*, 1994; *Paul Virilio*, 2001: 34). Como exemplo da substituição que se encontra já em andamento refere, no campo da cibersexualidade (sexo onde o corpo se encontra ausente ou, se preferirmos, sexo contra o corpo), a transmutação da mulher-objecto em objecto-mulher visto, em sua acepção, «preferir o ser virtual – o longínquo – ao ser real – o

realidade do mundo que nos rodeia e/ou pelo despoletar da «bomba genética». No primeiro caso, a colonização do real (e a consequente desqualificação do mesmo) pelo virtual já está em curso, assistindo-se, na sua óptica, à consubstanciação de uma realidade mediatizada por imagens e tecnologias de informação que, em última instância, contribui para nos «arrancar às dimensões do mundo e corpo próprios». Uma realidade que, ao ser matizada pelo predomínio da telepresença (o aqui e ali em simultâneo) sobre a presença real, conduz à negação do «*hic et nunc*»[36], à negação do «aqui» (presença física) em proveito do «agora» (presença imaterial e fantástica) (*Paul Virilio*, 1996: 48-49). Por sua vez, no caso específico do corpo, não se tratará mais do acidente como doença, mas, do acidente total – «Hiroxima celular» – que poderá ocorrer tanto por via das tecnologias NBQ, como por intermédio das tecnologias GNR; surgindo como exemplo paradigmático das primeiras o «cogumelo nuclear» e, no concernente às segundas, a transição para o pós-humano, dado as mesmas pressuporem a morte, desaparecimento e/ou transmutação do primeiro em algo que poderá ser tudo menos humano[37].

3) Museu dos Acidentes

Ante um quadro com estas características, revelador de uma tendência cada vez mais marcante no sentido da transmutação do acidente em algo de absoluto e da substância em algo de relativo e contingente, a via apontada por *Paul Virilio* com o intuito de evitar a realização do acidente integral da «modernidade acelerada», passa pelo desmascarar da situação, pelo publicitar, pela sua antecipação racional, fazendo com que, as mediações acidentais (bombas atómica, informática e, quiçá, amanhã genética com capacidade para modificar o genoma e, com isso, encetar mutações na raça humana) inerentes à nossa contemporaneidade, emirjam de um modo clarividente e, acima de tudo, crítico no espaço da aparência que é a esfera pública – testemunhando, no fundo, a impossibilidade da sua erradicação e a inevitabilidade do mesmo. Esta poder-se-á consubstanciar como uma estratégia para retirar à televisão o quase-monopólio que a mesma detém ao nível da exibição do acidente e do qual a mesma se socorre – banalizando o horror – para criar medo. Os intuitos do pensador francês são outros, porquanto, com a visibilidade pretendida o que se busca é encarar directamente o acidente para o compreender e, por conseguinte, agir (*Paul Virilio*, 2003).

próximo – é tomar a nuvem por Juno, preferir a figura, o *clone*, a um ser substancial que incomoda e que literalmente se tem nos braços, um ser de carne e sangue, cujo único erro é apenas estar aí, aqui e agora, e não longe» (*Paul Virilio*, 1995: 140).

[36] Remete para o estar juntos sem intervalo de espaço e de tempo.

[37] Para uma análise mais aprofundada destas questões, vide *Manuel Menezes* (2006).

De modo que, nos últimos anos a sua acção tem passado não só, mas também pela realização desta tarefa, mais precisamente por intermédio do seu contributo na concepção e organização de um projecto já antigo[38] – o «*museu dos acidentes do progresso técnico*», almejando, desta forma, evitar que ao acidente da *substância*, da *matéria*, se siga o acidente bem mais grave do *conhecimento* nos domínios da estética, política, economia… (*Paul Virilio*, 2003, 2005), em suma, o acidente da realidade. Por outras palavras, consubstanciando uma «estética da aparência» e o reconhecimento da «simetria entre a substância e o acidente»[39], a exposição do acidente[40] (todo e qualquer acidente – tanto o banal, como o mais trágico), do acidente enquanto herança da humanidade, deve ser a estratégia a adoptar, caso não se deseje ficar exposto aos acidentes maiores decorrentes da acção de uma «ciência sem consciência, sem senso» – expor com o intuito de evitar ficar exposto ao acidente[41]. No fundo, podendo ser considerada uma estratégia de resistência à insensibilidade, à indiferença, a criação de um «laboratório dos cataclismos», deste museu ao lado dos museus da ciência, «inaugurando um novo tipo de museologia e museografia», pressupõe o superar de uma ideologia do progresso até agora predominante e pouco questionada – tal como alguns «monumentos negativos» têm vindo a ser preservados (os campos de concentração, por exemplo), com a exposição do acidente intenta-se recordar positivamente o negativo, para preservar para a posteridade uma «memória do mal», de forma a não o repetir, ou seja, de acordo com o argumento em análise recordar os acidentes é a estratégia mais adequada para os evitar. Em suma, este museu plasmando a aceitação dos erros cometidos, deveria consubstanciar-se como estratégia preventiva da ocorrência de novas tragédias. Para finalizar, interessa acrescentar que, evidenciando a oposição a uma visão edílica da TV, de acordo com a sua acepção, esse museu já existe – negativamente – há muito tempo, isto é, ao «tornar o horror banal» o ecrã da televisão consubstancia o mesmo (*Paul Virilio*, 2003; *Paul Virilio et all*, 1994). Daí se perceber os intentos subjacentes à concepção de «*Ce qui Arrive*», ou seja, de que a mesma constituísse um contraponto aos excessos vários com que a TV submerge diariamente os telespectadores.

[38] Segundo o autor, este é um sonho que o acompanha desde 1979 quando ocorreu o acidente na central nuclear americana de Three Mile Island.

[39] De acordo com a sua leitura, a invenção da primeira consubstancia-se como um catalisador do segundo.

[40] Não com fins nostálgicos, mas porque a situação actual exige a sua visibilidade, pois, tal como «no final do século XIX os museus exibiam máquinas: no final do século XX, eu penso ser necessário outorgar às dimensões produtivas do acidente o lugar que, por direito, lhe cabe, num novo museu» (*Paul Virilio et all*, 1983: 39).

[41] Eram estes, em última instância, os objectivos primos da exposição – *Ce qui Arrive* – organizada pelo autor na Fundação Cartier para a Arte Contemporânea (Novembro de 2002 a Março de 2003).

O campeamento encetado, revelando um posicionamento, quiçá, singular e, por isso mesmo, muitas vezes incompreendido[42], justifica-se em nossa acepção dada a urgência da adopção de um posicionamento crítico (exigido, desde logo, por um compromisso para com as gerações ainda não nascidas) face às tecnologias mediadoras da nossa experiência. Crítico, todavia, num sentido positivo, com o intuito de vislumbrar as possibilidades políticas de acção tendo em vista a erecção de uma «[…] luta contra a tecnociência, contra o reinado da tecnociência, contra a clonagem, a robótica, etc.. Mas este tipo de luta não implica um retorno a uma situação prévia. Significa a tentativa de lutar contra a própria tecnologia – não com o intuito de a destruir, mas, para a transfigurar» (*Paul Virilio*, 2001: 157). Um olhar céptico, um posicionamento, portanto, não de nostalgia, mas, de acção, comprometimento com o futuro, um futuro a ser construído de modo responsável, tendo sempre presente os possíveis reveses associados a cada opção tecnológica que se tome, pois, «o *princípio da responsabilidade* para com as gerações futuras, exige no presente a exposição do acidente e a frequência das suas repetições industriais e pós-industriais» (*Paul Virilio*, 2005: 21, sublinhado no original). Concluindo, ao museu dos acidentes incumbem as funções anteriormente atribuídas aos memoriais de guerra – «para que não nos esqueçamos».

[42] Alguns consideram-no um pensador lúcido, outros, por sua vez, intitulam-no de alarmista. A asserção de *John Armitage* vai de encontro a esta leitura, ao considerar que «Paul Virilio é, provavelmente, o teórico cultural francês mais provocante do cenário intelectual contemporâneo» (2001: 1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah (1958). *A Condição Humana* (or. *The Human Condition*). Lisboa, Relógio D`Água (2001), 407 pp.

ARMITAGE, John (2001). Introduction. In ARMITAGE, John (ed.) (2001). *Virilio Live: Selected Interviews*. London, Sage Publications, pág. 1-11.

BAUMAN, Zygmunt (1999). *Em Busca da Política* (or. *In Search of Politics*). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor (2000), 213 pp.

BAUMAN, Zygmunt (2000). *Modernidade Líquida* (or. *Liquid Modernity*). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor (2001), 258 pp.

BECK, Ulrich (1988). *Políticas Ecológicas en la Edad del Riesgo. Antídotos. La Irresponsabilidad Organizada* (or. *Gegengifte. Die Organisierte Unverantwortlichkeit*). Barcelona, El Roure (1998), 365 pp.

BLUMENBERG, Hans (1976). *The Legitimacy of the Modern Age* (or. *Die Legitimität der Neuzeit*). Baskerville, MIT Press (1999), 677 pp.

FEATHERSTONE, Mark (2003). The Eye of War: Images of Destruction in Virilio and Bataille. In *Journal for Cultural Research*, Vol. 7, n.º 4. London, Routledge, pág. 433-447.

JOHNSTON, John (1999). Machinic Vision, In *Critical Inquiry*, Vol. 26, n.º 1. Chicago, The University of Chicago Press, pág. 27-48.

KELLNER, Douglas (2000). Virilio, War and Technology. In ARMITAGE, John (ed.) (2000). *Paul Virilio: From Modernism to Hypermodernism and Beyond*. London, Sage Publications, pág. 103-125.

LASH, Scott (1999). Bad Objects: Virilio. In LASH, Scott (1999). *Another Modernity: A Different Rationality*. Oxford: Blackwell, pág. 285-311.

MENEZES, Manuel (2006). *Discursos Sobre os Riscos Sociais até à Modernidade Tardia*. Lisboa, UNL/FCSH: Tese de Doutoramento, 722 pp.

MIRANDA, José A. Bragança de (1998). *Traços. Ensaios de Crítica da Cultura*. Lisboa, Veja, 263 pp.

MIRANDA, José A. Bragança de (2002). *Teoria da Cultura*. Lisboa, Edições Século XXI, 230 pp.

MIRANDA, José A. Bragança de (2006). *Queda sem Fim*. Lisboa, Vega, 79 pp.

STEVENSON, Nicholas (2002). New Media and the Information Society. In STEVENSON, Nicholas (2002). *Understanding Media Cultures: Social Theory and Mass Communication*. London, Sage Publications, pág. 184-215.

VIRILIO, Paul (1977). *Velocidade e Política* (or. *Vitesse et Polítique*). São Paulo, Estação Liberdade (1997), 137 pp.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvère (1983). *Pure War*. New York, Semiotext (1997), 186 pp.

VIRILIO, Paul (1984). Um Travelling de Oitenta Anos. In VIRILIO, Paul (1984). *Guerra e Cinema: Logística da Percepção*. São Paulo, Boitempo Editorial (2005), pág. 165-200.
VIRILIO, Paul (1988). *La Maquina de Vision* (or. *La Machine de Visión*). Madrid, Cátedra (1998), 99 pp.
VIRILIO, Paul (1990). *A Inércia Polar* (or. *L'Inertie Polaire*). Lisboa, Publicações Dom Quixote (1993), 128 pp.
VIRILIO, Paul (1993). *A Arte do Motor* (or. *L'Arte du Moteur*). São Paulo, Estação Liberdade (1996), 134 pp.
VIRILIO, Paul; WILSON, Louise (1994). Cyberwar, God and Television: Interview with Paul Virilio. In *CTheory*. URL: http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=62.
VIRILIO, Paul (1995). *A Velocidade de Libertação* (or. *La Vitesse de Libération*). Lisboa, Relógio D'Água (2000), 188 pp.
VIRILIO, Paul (1995-b). The Silence of the Lambs: Virilio in Conversation. In *CTheory*, In URL: http://www.ctheory.net/articles.aspx?id=38
VIRILIO, Paul (1996). *Cibermundo: a Política do Pior* (or. *Cybermonde la Politique du Pire*). Lisboa, Teorema (2000), 124 pp.
VIRILIO, Paul (1998). Is the Author Dead? An Interview with Paul Virilio. In DER DERIAN, James (ed.) (1998). *The Virilio Reader*. Oxford, Blackwell Publishers, pág. 16-21.
VIRILIO, Paul (1998-b). *La Bomba Informática* (or. *La Bombe Informatique*). Madrid, Ediciones Cátedra (1999), 159 pp.
VIRILIO, Paul (1998-c). Le Règne de la Délation Optique. In *Le Monde Diplomatique*.URL:http://www.monde-diplomatique.fr/1998/08/VIRILIO/10812.
VIRILIO, Paul (2001). *Virilio Live: Selected Interviews*. London, Sage Publications, 218 pp.
VIRILIO, Paul (2003). The Museum of Accidents. In REDHEAD, Steve (ed.) (2004). *The Paul Virilio Reader*. New York, Columbia University Press, pág. 255-262.
VIRILIO, Paul (2005). *L'Accident Originel*. Paris, Galillée, 158 pp.